

Jesus e a Renovação da Natureza: lendo Isaías e os Evangelhos Ecologicamente

Por Richard Bauckham

Um tema persistente na tradição cristã, apesar de por muitas vezes ser ignorada, é a expectativa de que não apenas a humanidade, mas a criação inteira, a totalidade da comunidade das criaturas de Deus, serão transfiguradas na nova criação e levadas à vida eterna de Deus. Esse mundo não é uma criação que será “jogada fora”, um mero contexto para que Deus alcance seus propósitos com a humanidade, um mundo ao qual, portanto, não pertencemos realmente e que perecerá assim que tenha servido ao seu propósito puramente antropocêntrico. Ao invés disso, Deus tem um futuro para toda a criação e os humanos alcançarão seu destino eterno com as criaturas com as quais estão inextricavelmente ligados na complexa teia da vida. Tal visão, da renovação da natureza, sempre foi importante, mas talvez assuma um significado especial na crise ecológica em que estamos vivendo. Se a criação “não humana” também tem um futuro nos propósitos de Deus, então devemos reconhecer o valor das outras criaturas, em si mesmas e para Deus. Elas não são criadas para que a gente dê a elas o uso que nos aprouver. As igrejas também não podem dar atenção apenas à salvação espiritual dos seres humanos como se pudéssemos nos desligar do resto da criação, indiferentes ao seu destino porque na verdade “não pertencemos a ela”. Não é verdade que os cristãos, esperando uma salvação do mundo (no sentido de serem salvos dele) tem menos razão para se preocupar com a criação em sua luta atual do que as outras pessoas. Ao invés disso, com sua esperança para a salvação da criação inteira, os cristãos tem mais razão do que muitos outros para se preocupar com a natureza.

Uma visão cristã da redenção cósmica, a renovação de toda a criação, certamente tem raiz bíblica, mas as exposições desse tema tem uma forte tendência a passar rapidamente pelos evangelhos e a se focarem em outras partes das escrituras (como as cartas paulinas). Nesse artigo, quero dar uma pequena contribuição na correção a impressão de que os Evangelhos não tem muito a oferecer nesse tema, mas a principal chave para corrigirmos essa impressão está em apreciarmos as ligações entre os Evangelhos e a bíblia hebraica, que os próprios Evangelhos, obviamente, pressupõe. Então, começarei não nos Evangelhos, mas em Isaías.

O pacífico reino do Messias (Isaías 11)

Na expectativa messiânica dos judeus dos tempos de Jesus, uma das profecias messiânicas mais populares era a de Isaías 11. Ela nos dá uma das mais completas descrições encontradas no Velho

Testamento para um reinado real de um descendente direto de Davi e continua com uma descrição memorável de seu reino, que em discussões em inglês geralmente é conhecida como “reino pacífico”.

O relato começa com uma descrição de como esse descendente de Davi será equipado para seu reinado sem ter recebido uma unção real qualquer, mas sete dotes do Espírito de Deus (verso 2). A descrição continua, descrevendo o exercício de justiça, que, como comumente no Velho Testamento, toma a forma da justiça aos pobres e oprimidos e contra os opressores (versos 3-5). Dessa forma, a violência pela qual alguns vitimizam outros chega ao fim. Então chega o chama “reino pacífico”, no qual o fim da violência é estendido da sociedade humana ao mundo animal (versos 6-9). Apesar de o próprio Messias não ser mencionado nesse versos, a estrutura dos versos 1-10 deixa claro que eles realmente descrevem o efeito do reinado do Messias. A estrutura é cruzada, ou concêntrica:

A. Um rebento brotará do tronco de Jessé (verso 1)

B. Sabedoria de Deus repousará sobre ele (verso 2)

C. A era ideal: relacionamento corretos na sociedade humana (versos 3-5)

C'. A idade ideal: relacionamento certo entre a sociedade humana e os animais selvagens (versos 6-9)

B'. O conhecimento do Senhor encherá a Terra (verso 9)

A'. A raiz de Jessé será um estandarte (verso 10)

Nosso foco agora é com os versos de 6 a 9:

“E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, seus filhos se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e a desmamada colocará a sua mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”.

Ocasionalmente essa passagem tem sido lida como uma alegoria à paz entre as nações, enquanto leitores modernos por vezes a veem simplesmente como uma imagem de paz entre os animais. Na verdade, ela descreve a paz no mundo humano, com seus animais domésticos (cordeiro, bezerro, cabrito, bebê) e os selvagens (lobo, leopardo, leão, urso, serpentes) que são normalmente tidos como perigosos à subsistência e à própria vida dos humanos. Para o fazendeiro judeu, a face inaceitável da natureza selvagem eram esses animais perigosos. O que está sendo dito nessa profecia é a reconciliação dos humanos (de seu mundo) com a natureza selvagem. De forma significativa, humanos e animais domésticos são todos representados por seus filhotes, os mais vulneráveis. Cada um dos pares de animais nos versos 6-7 é cuidadosamente escolhido, para que cada predador esteja pareado com um exemplo típico de sua presa. Especialmente no verso 7, fica claro que essa condição de paz é possível porque os animais carnívoros se tornaram, assim como os animais domésticos, vegetarianos. Sem dúvidas, isso também inclui os humanos. O pareamento das cobras e do bebê (verso 8) difere dos outros pares no sentido de a criação não ser a presa da cobra, mas seu veneno mesmo assim é um perigo para uma criança que ingenuamente mexa em seu esconderijo.

Essa é uma imagem utópica (ou, devemos dizer, ecotópica) do reino futuro do Messias, que refere-se à utopia primeva que Gênesis mostra como tendo sido o começo da história humana. Originalmente, todas as criaturas da terra eram vegetarianas (Gen. 1:29-30) e a violência tanto entre humanos quanto entre animais veio com a degeneração da vida na terra, que provocou o dilúvio (Gen. 6:11-13). A descrição de Isaías do reino pacífico provavelmente também alude à responsabilidade dos seres humanos pelas outras criaturas que Deus deu aos humanos na criação (Gen. 1:26, 28). A primeira imagem dos animais em paz

(Is. 11:6) termina assim: “e um menino pequeno os guiará”. Essa é uma referência à prática do pastoreio, na qual animais domésticos voluntariamente seguem o pastor, que os guia até o pasto. Mesmo uma criança pequena pode guiar um rebanho de ovelhas ou de cabras, porque nem força nem violência são necessários. Na ecotopia de Isaías a criança pequena será capaz de guiar também o lobo, o leopardo e o leão. É uma imagem de serviço gentil e benéfico aos animais selvagens, que os animais então, voluntariamente, aceitarão. Assim devemos imaginar Adão e Eva se relacionando com os animais no jardim do Éden. Mas isso não significa que o reino messiânico seja apenas um retorno ao Jardim do Éden. É mais que isso, mas a inocência original dos humanos e animais nos dão um modelo de como esse profeta imaginava o futuro.

Animais selvagens aparecem na bíblia principalmente como ameaças à vida humana. Os judeus antigos não o caçavam para comer – ou o faziam apenas raramente. Eles não precisavam imaginar a nossa situação atual, em que os papéis se reverteram. Agora são os humanos que são uma ameaça aos animais selvagens, destruindo os seus habitats e levando espécies inteiras a extinção em uma velocidade alarmante. Nas visões dos profetas de Israel do futuro ideal, a prioridade era proteger os humanos dos animais selvagens, mas é importante notar que, enquanto em Levítico e Ezequiel isso era feito simplesmente removendo-se esses animais da terra (Lev. 26:6; Ezeq. 34:25), Isaías oferece uma visão muito mais positiva e muito mais transformadora. A inimizade acaba, não pela remoção de uma das partes envolvidas, mas pela reconciliação, que beneficia a ambas. Tal visão de paz entre humanos e a natureza é uma utopia para a violência humana contra a natureza dos tempos atuais, assim como era para o mundo de violência dos animais contra os humanos na época de Isaías.

Entretanto, também devemos ser realistas com a biologia. Sabemos que, enquanto ursos poderiam sobreviver com uma dieta vegetariana, isso é biologicamente impossível aos leões. Um leão vegetariano seria diferente o suficiente de um leão em nosso mundo para ser outra espécie. Devemos ver a visão de Isaías como uma metafórica ao invés de literal, mas, especialmente quando elevada a altura da visão bíblica mais geral de nova criação, continua sendo uma promessa de nova criação na qual a violência estará ausente, não apenas na sociedade humana, mas também entre humanos e animais. Ela sugere a possibilidade de relação entre humanos e outras criaturas que sejam pacíficas, companheiras e mutuamente enriquecedoras. Não podemos dizer como isso será possível, mas há muita coisa a respeito da nova criação onde essa falta de conhecimento também se aplica. A nova criação é um ato transformador, criativo, de Deus, que só podemos comparar com a criação original. Está além de nosso entendimento. Mas ela é importante que ela promete um novo futuro para toda a criação e não apenas aos humanos.

Ela é importante porque profecia bíblica não é algo meramente preditivo, mas algo que instiga os leitores a tomarem a ação apropriada em luz do futuro que é mostrado. Com a visão de Isaías do reino pacífico em vista, não podemos simplesmente aquiescer com a violência humana contra os animais, não mais do que podemos renunciar as tentativas de promover a paz, ao invés da guerra, na sociedade humana. Em ambos os casos paz é a promessa de Deus, mas em ambos os casos, podemos viver de formas que correspondam a essa promessa e esperança que Deus nos dá. Podemos fazer isso contanto que não supusermos que podemos fazer tudo sozinhos, sem uma ação escatológica divina. As tentativas humanas de viver em uma utopia, como vimos claramente no século XX, são invariavelmente destrutivas, porque vão além dos limites humanos. Podemos apenas humildemente viver em harmonia com a natureza tanto quanto for possível, antecipando o reino de Deus de maneiras que sejam realistas e apropriadas as nossas limitações.

O reino pacífico de Messias (evangelho de Marcos)

Agora quero sugerir que devemos ler a abertura da seção da história de Jesus contada por Marcos à luz de Isaías 11. O que acontece é que, primeiro, Jesus em seu batismo é equipado para o ministério pelo Espírito, como o Messias de Isaías 11. Então o Espírito o leva ao deserto por um período de 40 dias. Mateus e Lucas nesse ponto falam sobre as tentações de Jesus, mas Marcos conta um relato bem mais breve sobre a estadia de Jesus no deserto, tão curto que os leitores tendem a passar rapidamente por ele,

como se não fosse mais que um resumo do que Mateus e Lucas dizem mais detalhadamente. Mas o breve relato de Marcos é cuidadosamente construído, e inclui um elemento único: os animais selvagens:

“E ali [Jesus] esteve no deserto quarenta dias, tentado por Satanás. E vivia entre as feras, e os anjos o serviam”. (Marcos 1:13)

Esse período no deserto ocorre entre o comissionamento de Jesus para o seu ministério, em seu batismo, e o começo de seu ministério propriamente dito, sua proclamação do reino de Deus, em Marcos 1:14-15. Então, por que Jesus teve que ir para o deserto? Porque o deserto é a esfera “não humana”, um lugar onde os homens não podem viver, mas outras criaturas sim. Então é lá que Jesus deve encontrar as categorias de seres “não-humanos”: o diabo, os animais selvagens e os anjos. Ele tinha que estabelecer sua relação como Messias com todos os três antes de poder embarcar em sua missão no mundo humano, que compreende o resto do Evangelho.

Breve como o relato de Marcos sobre Jesus no deserto é, cada pedaço dele é importante. A ordem dos três seres encontrados – o diabo, animais selvagens e anjos – não é acidental. Diabo é o inimigo natural dos justos e só podemos resistir a ele. Anjos são os amigos naturais dos justos: ministram a Jesus. Mas entre o diabo e os anjos, os animais selvagens são mais ambíguos. Com base na percepção comum dos animais selvagens como uma ameaça aos humanos, devemos esperar que eles sejam inimigos perigosos, especialmente quando no deserto, o seu ambiente e não o dos humanos. Mas, por outro lado, já que Jesus é o rei messiânico, inaugurando seu reino, não devemos que sua relação com os animais selvagens seja apropriada ao seu reino, o retorno ao Éden que encontramos em Isaías 11?

Enquanto o diabo é simplesmente um inimigo de Jesus e os anjos seus amigos, os animais selvagens, colocadas por Marcos entre esses dois, são inimigos que Jesus torna amigos. Jesus no deserto decreta, de forma antecipatória, a paz entre os seres humanos e a natureza que é o reino pacífico de Isaías. A simples mas efetiva frase de Marcos (“vivia entre as feras”) não sugere hostilidade ou resistência. Ela indica a presença pacífica de Jesus com os animais. A expressão “estar com (meta) alguém” (no inglês a frase é “esteve com as feras”, assim como na Nova Versão Internacional, em português) é usada em Marcos (3:14; 5:18; 14:67, ver 4:36) e em outros lugares dando um sentido de proximidade, uma associação amigável. Marcos poderia ter imaginado essa relação ideal entre animais selvagens e seres humanos, aqui representados por seu rei messiânico, como domínio sobre eles ou como recrutando esses animais aos níveis de animais domésticos, que são úteis aos seres humanos.

Mas o simples “com eles” não dá espaço para essa interpretação. Jesus faz amizade com eles. Jesus fica em paz “com eles”.

É uma pequena palavra, mas “com” é uma palavra importante, característica do entendimento bíblico sobre o entendimento relacional do ser. A criação é uma comunidade de seres inter-relacionados, feitos para estarem uns com os outros. Para Adão, Eva foi a mulher criada por Deus para estar “com” ele (Gen. 3:12). Gêneses repetidamente descreve os animais na arca como aqueles que estavam “com” Noé (Gen. 7:23; 8:1, 17; 9:12). Por toda a Bíblia Deus promete estar “com” seu povo. “Com” é uma palavra de aliança, a maneira pela qual Deus e seu povo estão relacionados (ex. Ezeq. 34:30), enquanto a mais significativa afirmação bíblica sobre a nova criação é que “e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus” (Apocalipse 21:3). Jesus é o Emanuel, “Deus conosco”, a encarnação; forma mais radical de Deus estar “com” sua criação. Nos evangelhos Jesus escolhe seus discípulos em primeiro lugar para simplesmente estar com ele (Mc. 3:14; Lc. 8:1-2) e secundariamente para a missão, e quando ele os envia, sua promessa final é de estar com eles até a consumação dos séculos (Mt. 28:20).

Então, não acho que não estou exagerando na leitura de uma única frase de Marcos – Jesus esteve com os animais selvagens – ao vê-la como estando a evocar a visão de Isaías, das criaturas reconciliadas e a possibilidade de uma relação pacífica entre humanos e animais selvagens.

O reino de Deus como a restauração da natureza

Do deserto, Jesus retorna a esfera humana para iniciar seu ministério de proclamação e inauguração do reino de Deus. Nos evangelho sinópticos, o reino de Deus é o termo que sumariza todos os objetos de pregação e ensino de Jesus, e é, claro, aos seres humanos que Jesus anuncia o reino. De forma diferente de São Francisco de Assis, não existe relato de Jesus pregando aos pássaros. Não seria difícil, com uma leitura superficial dos Evangelhos, de ter a impressão de que o reino diz respeito apenas ao relacionamento entre os humanos e Deus e que ele não tenha nada a ver com o resto da criação. Mas com isso negligenciaríamos duas coisas. Primeiro, existe material suficiente nos Evangelhos para mostrar que Jesus aceitava a rica teologia da criação da bíblia hebraica, que ensinava, não apenas que Deus havia criado todas as coisas, mas também que Deus se preocupa generosa e afetuosamente com todas as suas criaturas, não só com humanos.

Mas o segundo ponto é que o termo “reino de Deus”, que Jesus usava sem explicação como se seus ouvintes já tivessem alguma ideia do que significava, tinha, claro, seu próprio fundamento na bíblia hebraica. Podemos nos voltar para Isaías de novo, onde o “que traz as boas novas (as boas novas são a fonte do palavra “evangelho” nos Evangelhos), que anuncia a salvação,... diz a Sião, Seu Deus reina” (Isaías 52:7). Ou podemos ir para Daniel, mas o livro bíblico no qual o reinado de Deus é mais proeminente é na verdade em Salmos, e é com o uso dado em Salmos que devemos esperar que os ouvintes de Jesus estivessem mais familiarizados.

Nos Salmos o reino de Deus está intimamente relacionado com a criação. É como Criador que Deus rege sua criação (Sl. 103:19-22). Seu domínio é sobre tudo o que Ele fez, humanos e tudo o mais (Sl. 95:4-5; 96:11-13) e isso é expressado em sua cuidadosa responsabilidade com todas as criaturas (Sl. 145). Todas as criaturas não humanas aclamam seu reinado agora (Sl. 103:19-22) e todas as nações farão o mesmo no futuro (Sl. 97:1), porque Deus virá julgar o mundo, para condenar e para salvar (Sl. 96: 13; 98:9). O papel de seu povo, Israel, é o de declarar seu reinado às nações (Sl. 96:3, 10; 145:10-12). Quando Deus vier para julgar e reinar, toda a criação se regozijará por seu advento (Sl. 96:11-12; 98:7-8). O reino de Deus nos Salmos tem uma dimensão espacial e outra temporal. Ele é cósmico em escopo, abrangendo toda a criação, não estando de maneira nenhuma restrito aos seres humanos. Também é eterno. Estabelecido na criação e designado para durar para sempre (Sl. 93; 145:13; 146:10). Mas o reino de Deus ainda é amplamente rejeitado e desprezado pelas nações e então ainda precisa chegar em sua plenitude, de poder e glória manifesta. O Deus que reina de seu trono celestial (Sl. 11:4; 103:19) virá estabelecer seu reino na terra. É essa vinda que Jesus proclama. Sua frase distintiva, “o reino de Deus”, se refere à expectativa dos salmos e dos profetas de que Deus em pessoa reinaria. À luz dos Salmos em particular, podemos ver que esse reino não é um tipo de substituto para a criação, mas a renovação da criação em si, renovação tão cósmica em escopo quanto a própria criação (ou “cosmos”).

O escopo cósmico do reino pode ser visto nas três petições na abertura da oração do Senhor na versão dada em Mateus:

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu...” (Mateus 6:9-10).

A frase “no céu como na terra” deveria provavelmente ser entendida como qualificando os três pedidos. No presente, o nome de Deus é perfeitamente santificado, seu reinado perfeitamente estabelecido e sua vontade absolutamente feita no céu, mas todas são negligenciadas ou contestadas na terra. Provavelmente a ênfase é nos humanos se aproximando para santificar o nome de Deus, reconhecendo seu domínio e fazendo sua vontade, mas devemos nos recordar que na bíblia hebraica, as criaturas não humanas também fazem essas coisas, geralmente quando os humanos não as fazem (exemplos, louvando o nome de Deus: Sl. 145:5, 13; aclamando seu reinado: Sl. 103:19-22; 145:10-11; fazendo sua vontade: Jer. 8:7). Além do mais, o uso conjunto de “céu” e “terra” não podem deixar de evocar a criação inteira, tudo o que Deus criou no início (Gen. 1:1; 2:1, 4). Deus, é geralmente dito, é o criador dos céus e da terra.

O reino não vem para tirar as pessoas do meio do resto da criação, mas para renovar a criação inteira, de acordo com a vontade perfeita de Deus para ela.

Assim como proclamar e explicar o reino de Deus, Jesus também deu o exemplo nas suas muitas atividades ministeriais. Isso incluía os milagres de cura, exorcismos e os chamados “milagres naturais”. Também incluía atos marcantes, como sua demonstração no Templo, compartilhar refeições com pecadores, abençoar crianças, lavar os pés dos discípulos e montar um jumento até Jerusalém. Todas essas atividades devem ser entendidas como eventos prolépticos¹ da vinda do reino, ajudando a definir como Jesus entendia o reino de Deus, mas mais do que apenas símbolos de sua vinda. Em tais atividades o reino na verdade estava chegando, mas em uma maneira antecipatória, em pequena escala. Essa pequena escala está de acordo com as parábolas que representam o reino por eventos da vida cotidiana dos ouvintes de Jesus. Como um pé de mostarda, na parábola, cresce até as dimensões da árvore que cobre o mundo, assim também, quando Jesus acalma a tempestade, uma ventania em um lago invoca a enorme força destrutiva do abismo. Assim como a extraordinária generosidade de Deus em seu reino vindouro é indicada, na parábola, quando um senhor serve o jantar para seus escravos, também é indicada quando Jesus anuncia o perdão de um pecador notório que lavou seus pés.

As atividades de Jesus eram antecipações em pequena escala do reino que anunciavam sua vinda universal no futuro. O que é notável a respeito delas, para nossos propósitos, é a maneira com que seu caráter holístico aponta para a vinda do reino em toda a criação. Jesus trouxe plenitude para a vida das pessoas que libertou e curou: reconciliando-os com Deus, expulsando o poder do diabo de suas vidas, curando os corpos enfermos e aleijados, restaurando as interações sociais daqueles que eram isolados. Jesus não separa seus relacionamentos com Deus de suas existências social e corpórea. Algo da mesma visão holística do mundo acontece nos chamados “milagres naturais”. Ao menos alguns deles antecipam a transformação das relações dos humanos com o mundo não-humano na criação renovada. Nos milagres relacionados a alimentação, a provisão generosa de Deus para seu povo através do presente da criação ocorre mesmo em um deserto desolado, como aconteceu no primeiro Êxodo (Sl. 78:15-16; 23-25) e era esperado no novo Êxodo (Is. 35:1, 6-7; 41:18-19; 51:3, ver Ezeq. 34:26-39). Quando Jesus anda sobre as águas e acalma a tempestade, a soberania de Deus sobre as águas do Caos é invocada, com a expectativa de que na criação renovada os poderes destrutivos da natureza serão finalmente domados. Apesar da maioria das atividades de Jesus se focarem nos seres humanos e sua sociedade em relação a Deus, há indícios suficientes de que Jesus e os evangelistas também abraçavam um entendimento inclusivo do reino de Deus sobre toda a criação; visão tão proeminente nos Salmos.

Então, não é o bastante dizer que o reino de Deus é a renovação de toda a criação. Também devemos dizer que é a renovação de todas as criaturas em seus inter-relações e interdependência, o que podemos chamar de renovação ecológica. Uso a palavra “ecológica” obviamente em um senso amplo: os autores da bíblia não sabiam nada sobre a ciência ecologia. Mas eles tinham um forte senso de interconexão e interdependência das criaturas de Deus. O fato de os humanos terem um corpo físico faz com que eles sejam parte do resto da criação material, ligados a outras criaturas, para bem ou mal, de todas as maneiras possíveis. Os milagres naturais são indicações importantes de que Jesus não visava a extração de seres puramente espirituais do meio material, mas sim a cura e aperfeiçoamento das relações entre as criaturas. Como exemplo, podemos olhar mais de perto para um desses milagres.

¹ Prolepsis, do grego prólepsis "ação de tomar antes", ou "flashforward", numa linguagem mais cinematográfica, é figura também conhecida como antecipação (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Prolepsis>). Ou seja, Jesus e suas ações “antecipavam” a plenitude vindoura do reino.

Jesus pacifica as forças do caos na criação (Mc. 4:35-41)

Você vai lembrar da história: Jesus e os discípulos estavam pescando em um barco na Galileia quando uma tempestade chega e os coloca em sério perigo. Os discípulos acordam Jesus. A versão de Marcos da história então diz: Jesus repreendeu o vento e disse ao mar, “cala-te e aquieta-te”. Então o vento parou e o mar ficou calmo. O medo dos discípulos da tempestade dá lugar ao assombro pelo que Jesus fez e eles dizem uns para os outros: “quem é esse que até o vento e o mar o obedecem?”

A chave para entender essa história é reconhecer sua combinação de, por um lado, uma situação real e, por outro, insinuações míticas. A situação é uma descrição bem real dos perigos de se velejar no mar da Galileia e também simboliza as frequentes situações em que as pessoas do primeiro século eram ameaçadas pelas forças da natureza. As insinuações míticas da história não cancelam o seu realismo, mas nos dizem algo do significado religioso dessa situação real (a tempestade no mar).

O mito é um ao qual o Velho Testamento se refere em um número de ocasiões. Fala das águas primordiais do caos, os poderes destrutivos da natureza imaginados como um vasto e tempestuoso oceano, que Deus, na criação, acalmou e confinou e limitou para que o mundo pudesse ser estável para as criaturas vivas. Essas águas do caos não foram abolidas da criação, apenas confinadas, sempre prontas para escapar e ameaçar a criação, necessitando ser constantemente refreadas pelo Criador. Para os israelitas as águas do abismo não eram simplesmente uma ideia metafísica. Em algo como uma tempestade em um oceano, literalmente as águas do oceano se tornavam as águas do caos, ameaçando a vida e podendo ser controladas apenas por Deus. No caso dessa história, a ventania no mar da Galileia (reparem que Marcos o chama de “mar”, mas na verdade é um lago) é o suficiente para trazer ao medo do caos.

Quando Marcos diz que Jesus repreendeu os ventos e disse ao mar “cala-te e aquieta-te”, ele tem em mente a forma mais característica com a qual a Bíblia hebraica fala de Deus dominar as águas do caos. A “repreensão” é a poderosa palavra de comando de Deus, como no Salmos 104:7: “À tua repreensão fugiram”. A palavra que silencia a tempestade ocorre, dentre outros lugares, em Jó 26:12: “com seu poder acalma o mar” (é uma das traduções possíveis), de novo se referindo à criação. É a repreensão que o Criador dá ao caos, então, que Jesus proclama e a paz da criação, segura das forças do caos, que Jesus restaura. Esse é o motivo dos discípulos perguntarem, “quem é esse que até o vento e o mar o obedecem?”. Apenas Deus se encaixa nessa descrição.

Ao contar a história com esses significados míticos, portanto, Marcos nos convida a ver o evento como um exemplo em pequena escala, dado por Jesus, da eliminação final do caos do mundo natural, quando, como o livro de Apocalipse diz, não haverá mais mar (21:1). O milagre de Jesus é um presságio de uma das distinções chave entre a criação no presente e a nova, ou renovada, criação, e esse evento funciona, na história dos Evangelhos, funciona como um sinal da inauguração, feita por Jesus, do reino de Deus. Ele vai ao coração da hostilidade entre humanos e a natureza, prometendo que o poder destrutivo das forças do caos, ainda ativos no mundo natural, ameaçando as criaturas vivas, no fim serão pacificados por Deus. É notável que mesmo nessa imagem da renovação da natureza feita por Deus, Ele não lida com a violência destruidora da natureza sendo violento e destruindo a natureza. Ele pacifica, traz paz ao mundo desordenado. Porque as forças de destruição na natureza – terremotos, tsunamis, vulcões, furacões e as forças ocultas das mudanças climáticas, nomeando apenas algumas das mais temíveis – não são, como sabemos pela ciência, intrinsecamente más. São manifestações de forças fundamentais, sem as quais esse planeta não poderia ser o lar das criaturas que é. Mas de tempos em tempos, as vezes pela convivência humana, agem com força destrutiva contra as criaturas vivas.

Quando trazemos essa história para um contexto contemporâneo, é importante ter em mente a lição que esse tipo de controle sobre as forças da natureza é intrinsecamente divino e não humano. O grande projeto científico-tecnológico do mundo moderno deu errado no sentido de ter ido além do que podia e

imaginado que a humanidade poderia realizar o que apenas a onipotência de Deus pode. No projeto de controlar e domar a natureza, como se pudéssemos compreender as ferramentas de Deus e remodelar a criação de acordo com o que quiséssemos, conseguimos ir bem longe, mas geralmente tendo como preço consequências não previstas que provaram-se desastrosas para o resto da criação e para nós mesmos. As mudanças climáticas é o último exemplo da maneira que nossas tentativas de dominarmos a natureza podem acabar facilmente liberando poderes ameaçadores à vida humana. Nesse caso, fomos nós que sem querer liberamos o caos. A história da pacificação de Jesus da tempestade nos lembra que o controle da natureza pertence a Deus e os humanos podem, por direito, participar nisso apenas como criaturas, dependendo de Deus e da natureza, respeitando o mundo criado e nosso pequeno lugar dentro dele e não como deuses acima dele.

Encarnação e ressurreição (Evangelho de João)

Até agora restringi a discussão aos Evangelhos sinópticos, mas nessa seção fina quero ir para João, o Evangelho que se distingue por sua reflexão teológica mais explícita e extensiva sobre a história de Jesus. De forma significativa, esse Evangelho tem em sua estrutura todo o escopo temporal da criação, começando, a verdade, antes da criação, onde a bíblia hebraica em si começa. O prólogo ao Evangelho de João começa invocando o “no começo” do livro de Gênesis, para recontar a história da criação em Gênesis com uma intenção cristológica. O prólogo mostra Cristo pré-encarnado como a palavra divina de Deus, que criou todo o cosmos. Na encarnação a relação dessa palavra com o cosmos vai um grande passo a frente. Aquele que fez o mundo entra no mundo (1:10). A afirmação mais forte desse fato está nas palavras “o verbo se fez carne” (ou “a palavra”). Com essa frase João enfatiza a materialidade de se ser humano (o uso dado por João da palavra “carne”, em 3:6; 6:36). Carne é a natureza humana em sua vulnerabilidade e fraqueza. Também é natureza humana pelo fato de ser comum com o resto da criação; a natureza humana é feita do pó da terra, completamente dependente de todas as condições físicas da vida nesse planeta, interconectada com as outras formas de vida de forma diversa e complexa. Jesus em sua encarnação não apenas é um de nós, mas parte dessa criação terrena, um membro da comunidade da criação. Quando a igreja nos primeiros séculos encontrou uma maneira de afirmar a verdade plena da encarnação de forma inequívoca, disse que Jesus era completamente divino, como Deus em todos os sentidos, e completamente humano, como nós em todos os sentidos, exceto o pecado. Para ser completamente humano Jesus tem que ser parte desse mundo material tanto quanto o resto de nós.

Uma maneira proeminente em que o Evangelho de João entende a missão de Jesus – em sua encarnação, vida, morte, ressurreição e exaltação – é que ele traz vida eterna à sua criação mortal. Como pode ser visto em 3:3-16, “vida eterna” é o equivalente para João ao termo “reino de Deus” (como nos sinópticos). A renovação da criação de Deus é a partilha de Sua própria vida eterna com ela, para que ela não pereça, como acontece na vida meramente mortal, para que dessa forma ela possa viver em união com Deus eternamente. No famoso sumário em 3:16, a referência explícita, como sempre nesse Evangelho, é a salvação dos humanos, mas devemos notar que ela começa com as palavras “Deus amou o mundo (kosmos)”. A renovação de toda a criação certamente não é excluída.

O Evangelho de João as vezes é mal interpretado de uma maneira platônica. Entendendo a salvação como sendo a salvação de espíritos sem corpo do mundo material. Mas a salvação em João é melhor vista como a vida eterna dada aos humanos em sua materialidade. Assim o que os humanos tem em comum com o resto da criação não é apenas deixado para trás na vida eterna. Aqui devemos notar que o Evangelho de João, como o de Lucas (Lc. 24:40-42), coloca em evidência considerável a materialidade do corpo ressurreto de Jesus. Ele mostra a seus discípulos as marcas da crucificação em suas mãos e no lado e até pede que Thomas os toque (20:20, 25, 27). Para Jesus a ressurreição não era meramente a sobrevivência espiritual, mas a renovação de sua realidade corpórea inteira. O mesmo será verdade para aqueles aos quais ele der a vida eterna (ver 5:25-29). Essa percepção da vida ressurreta de Jesus e da salvação daqueles que acreditam nele sugerem que não podemos pensar no resto do cosmos como um mero plano de fundo para o drama da salvação. Pertencemos a ele assim como ao Seu Criador.

É a ressurreição de Jesus, portanto, que abre o caminho para a renovação de toda a criação. Deixe-me acabar com uma citação de Vladimir Lossky, que disse que “desde a vitória de Cristo sobre a morte, a ressurreição se tornou a lei universal para a criação; e não apenas para a humanidade, mas para as bestas, as plantas e as pedras, para todo o cosmos” (Teologia Ortodoxa: Uma introdução [1978], página 118).

Fonte: www.richardbauckham.co.uk/uploads/Accessible/Jesus%20&%20the%20Renewal%20of%20Nature.pdf